



<https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1322>



## Apresentação ao dossiê “História oral: desafios metodológicos, diálogos teóricos”

Glauber Cícero Ferreira Biazo\*

ORCID 0000-0002-1297-6663

Universidade Federal do Amazonas, Departamento de História, Manaus, Brasil

Miriam Hermeto\*

ORCID 0000-0003-1067-1425

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, Brasil

Ricardo Santhiago\*

ORCID 0000-0001-5318-5801

Universidade Federal de São Paulo, Instituto das Cidades, São Paulo, Brasil

Este dossiê, intitulado “História oral: desafios metodológicos, diálogos teóricos”, constitui uma das esferas de enfrentamento da revista *História Oral*, junto com pelo menos outros dois números temáticos que o antecederam – “Questões metodológicas”, no sétimo volume, em 2004, e “Questões teóricas e metodológicas”, no décimo terceiro volume, em 2010. De forma mais ampla, aliás, de toda a área, em suas publicações, eventos e diálogos formais e informais. Como espaço de reflexão e prática organizado em torno de um método de pesquisa (e não de um universo temático em particular), é

---

\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [glaubiazo@yahoo.com.br](mailto:glaubiazo@yahoo.com.br).

\* Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e pesquisadora do Núcleo de História Oral do Laboratório de História do Tempo Presente da UFMG. E-mail: [miriamhermeto@gmail.com](mailto:miriamhermeto@gmail.com).

\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: [ricardo.santhiago@unifesp.br](mailto:ricardo.santhiago@unifesp.br).

natural que a história oral, periodicamente, apure seu olhar para os modos de planejar, fazer e operar, a partir de pesquisas narrativas.

O refinamento e a renovação desses modos, que, em última instância, justificam e orientam a própria existência da área, se processam no interior do fazer mesmo dos pesquisadores, sobretudo quando se dedicam a temas inexplorados, se deparam com contratempos na organização da pesquisa, percebem obstáculos nas relações com os narradores etc. – enfrentamentos não antes explorados na literatura metodológica e teórica disponível ou com que se teve contato. Até por isso, desenha-se a expectativa de que todo e qualquer trabalho que envolva história oral comporte discussão metodológica. Base compartilhada em nossa área, afinal, é o entendimento de que as circunstâncias de produção de diálogos e das fontes que deles resultam, bem como as teorias e os princípios e procedimentos que os informam, são elementos imprescindíveis na interpretação e na análise – e, por conseguinte, parâmetros para a apreciação de qualidade, no sentido da contribuição intelectual e social latente de um trabalho.

De qualquer forma, de tempos em tempos, a extração de subsídios metodológicos e teóricos a partir da experiência coletiva acumulada em campo é – como esta revista revela – indeclinável, seja por interesse de pesquisadoras e pesquisadores, seja por força de mudanças contextuais maiores que não podem ser ignoradas. Foi assim com a chamada revolução digital, que trouxe implicações para os processos de gravação, processamento e preservação de entrevistas. Foi também assim com as políticas de memória no Brasil do pós-redemocratização, que requalificaram o papel da comunidade de história oral diante do dever e do direito à memória. E está sendo assim com a pandemia da Covid-19 e seus efeitos – desde o horizonte de distanciamento social até o agravamento de desequilíbrio e desigualdades –, que colocaram em questão estruturas de pesquisa que pareciam sólidas, para a história oral e as pesquisas em ciências humanas e sociais como um todo.

O interesse na proposição deste dossiê nasceu nessa conjuntura, precisamente a partir do entendimento de que, embora consagrada como um recurso de pesquisa potente para diferentes disciplinas e práticas profissionais, a história oral é continuamente demandada a rever a si mesma à luz das circunstâncias de seu tempo, de seus temas e de suas comunidades de referência. Por todas essas razões, convidamos pesquisadoras e pesquisadores de nosso campo a uma ampla reflexão crítica sobre procedimentos, concepções e conceitos pertinentes ao método, e temos o prazer, agora, de compartilhar os trabalhos aprovados selecionados com os leitores da revista *História Oral*.

“A *aprendência da escuta* como insurgência epistêmica a partir das narrativas de uma mulher do sertão baiano”, de Vânia Nara Pereira Vasconcelos, é o artigo que abre o dossiê. Fortemente calcada nas relações com uma entrevistada em particular – Dona Farailda, com quem a autora colaborou na produção de uma obra biográfica –, o texto assume o processo da pesquisa feita em participação como seu objeto de discussão. Vasconcelos oferece uma releitura peculiar dos ensinamentos que orientam a prática de

história oral, a partir da insurgência e da rebeldia epistêmica que, em certa medida, são possibilitadas e até estimuladas em um fazer tão dependente da escuta do outro.

Dos bastidores da relação entre Vasconcelos e Dona Farailda, partimos para dois textos que lidam com os efeitos de regimes autoritários e com o trabalho de produção e disponibilização pública de acervos que os documentam. No primeiro caso, trata-se de estudo de Antonio Mauricio Freitas Brito, intitulado “O acervo oral da Comissão Milton Santos de Memória e Verdade UFBA: possibilidades e desafios”. A iniciativa apresentada e discutida no artigo – em uma análise minuciosa sobre as circunstâncias de produção dos testemunhos – tem a particularidade de ter gerado um acervo de fontes amplamente disponível. Suscita, assim, reflexões sobre o potencial de disseminação das entrevistas, e de seu reuso a partir de outras agendas de investigação e de interesse público – processo, sugestivamente, perseguido no texto seguinte.

Em “Tornar-se um familiar de desaparecido e um militante de direitos humanos: testemunhos sobre o acionar de *Familiares de Desaparecidos y Detenidos por Razones Políticas* durante a última ditadura civil-militar argentina (1976-1983) no Arquivo Oral do Memoria Abierta”, Marcos Tolentino baseia-se nesse acervo audiovisual, constituído a partir dos anos 2000 como parte das iniciativas por memória e direitos humanos na Argentina. Além de historiar essa iniciativa instigante, Tolentino traz densidade – de certa forma mimetizada na extensão de seu texto, cuja força justifica a exceção proporcionada diante das normas editoriais da revista – ao entendimento das fontes orais como substância inescapável para a compreensão da militância de direitos humanos no contexto latino-americano recente.

Partindo de uma perspectiva teórica e política decolonial, no artigo “Narrativas insurgentes: a história sob o ponto de vista quilombola”, Adriane Cristina Benedetti nos conduz ao horizonte de problemas e perguntas do pós-abolição e, mais especificamente, a uma pesquisa com comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul. Levando em conta o papel central desempenhado pela oralidade nesses grupos, a autora perpassa relações de poder, situações de reivindicação concreta e simbólica, visões sobre a abolição, mitos raciais. E, ao fazer isso, valoriza especificamente o potencial da história oral como uma janela possível para a construção de narrativas históricas contra-hegemônicas.

Em área temática afim, o artigo “História oral e memórias transgeracionais para o estudo da escravidão e pós-abolição”, de Maria Cristina Machado de Carvalho, apresenta expressiva discussão em torno da noção de memória geracional para analisar as narrativas de descendentes de escravos e de antigos moradores das fazendas de São Gonçalo dos Campos, na Bahia. Partindo de suas experiências pessoais de escuta em seu próprio seio familiar, Carvalho investiga as memórias familiares e os percursos adotados por narradoras e narradores na construção de suas identidades individuais e coletivas, levando em conta os laços existentes entre diferentes temporalidades. Nesse sentido, a tradição oral construída por diferentes gerações é examinada numa perspectiva renovadora, que procura compreender a presença da ancestralidade africana

na elaboração de histórias de vida investidas pelas lutas de resistência à escravidão.

Um grupo de três artigos tem a educação como tema. “Entre métodos e teorias: trilhas e afetos de uma História Oral na Educação Matemática inspirada na cartografia”, de Vinícius Sanches Tizzo, Ana Claudia Molina Zaqueu Xavier e Heloisa da Silva, é resultado de pesquisas e reflexões desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (Ghoem), em um projeto denominado *Mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil*. Os pesquisadores apresentam como as narrativas produzidas ao longo dos processos investigativos permitem a construção de pressupostos teóricos que objetivam a elaboração de um diálogo entre as possibilidades engendradas pela história oral e pela educação matemática. Dentre os desafios apresentados, destacam-se as questões construídas em torno de histórias de vida de educadores matemáticos, envolvendo aspectos ligados à trajetória profissional em diferentes campos. Nessa perspectiva, a história oral na educação matemática é defendida pelos autores como um movimento metodológico catalisador e em permanente construção. O artigo, enfim, reivindica o fortalecimento do diálogo entre campos teóricos complementares superando limites e fronteiras pré-estabelecidas.

Em seguida, o artigo “História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível”, de Fabiana Rodrigues de Sousa e Livia Morais Garcia Lima, elabora uma análise acurada de noções teóricas como politicidade, diálogo e escuta sensível como princípios metodológicos caros a oralistas e educadores compromissados em compreender os meandros da memória e da cultura popular. Ao defender princípios epistemológicos compartilhados no âmbito da história oral, autora e autor evidenciam o papel central da memória, da narrativa e da subjetividade como bases que ressignificam a produção de conhecimento na área da educação popular. Nessa vertente, a noção de escuta sensível ganha destaque especial para a elaboração de uma costura argumentativa que reivindica uma história oral capaz de reinventar o presente e propor a construção de uma nova ciência, fruto do enxerto entre história oral e educação popular.

Finalmente, Adriena Casini da Silva expõe, em “Um *zoom* nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação”, o resultado de uma pesquisa que investigou a trajetória acadêmica e a atuação profissional a partir de entrevistas realizadas com servidores públicos do Colégio Pedro II, em particular daqueles que participaram do contexto de expansão iniciado nos anos 2000. Os desafios impostos pela pandemia da Covid-19 afetaram diretamente a investigação, levando Silva a refletir sobre a experiência de fazer entrevistas de história oral de forma remota, por meio de diferentes recursos tecnológicos. Ao fazer entrevistas com gestores idealizadores, gestores executores e servidores sindicalizados, a autora problematiza diferentes recursos e cuidados metodológicos adotados na escolha de aplicativos e *softwares* que contribuíram para atender aos entrevistados durante as entrevistas remotas. A experiência de pesquisa aqui compartilhada contribui significativamente para a

inserção do uso de tecnologias e meios remotos no centro dos debates metodológicos em história oral.

Ao final do dossiê, dois textos aliam a história oral a fontes e métodos de pesquisa que, em princípio, pareceriam exógenos à pesquisa com narrativas. Alexandre Antonio de Oliveira e Ronaldo de Oliveira Corrêa, em “Cartografia das territorialidades e espacialidades por meio da história oral: desafios e estratégias metodológicas”, mobilizam um conjunto de ferramentas para a construção de uma cartografia das territorialidades ligada a egressos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Memória social e sociabilidade estão entre seus pressupostos conceituais; coleta de testemunho, análise de conteúdo, criação de mapas e infográficos, entre as operações executadas. A partir do experimento de aproximação executado de maneira ousada, os autores valorizam tanto o recurso à memória no âmbito dos estudos sobre sociabilidade e território quanto a mobilização das ferramentas teóricas, práticas e comunicativas ligadas ao espaço pelo campo da história oral.

Por fim, em “Narrativas orais e fontes visuais: uma metodologia para conhecer relações fenomenológicas entre sujeitos e antigos lugares de trabalho”, Ana María Sosa González e Daniela Vieira Goularte – também atentas aos estudos territoriais – entrelaçaram a história oral com a fotografia no desenho metodológico de uma pesquisa que buscou investigar a relação da comunidade com o patrimônio industrial da Zona do Porto, na cidade gaúcha de Pelotas. Imagens produzidas pelos próprios narradores serviram para estimular narrativas sobre o lugar, suas características e valores, não raro provocando a emergência da crítica à preservação patrimonial e sua ausência, na percepção das mudanças no espaço entre o tempo da imagem e o tempo da narração. Questionários, mapas mentais e nuvens de palavras são utilizadas de formas diferentes na execução e na apresentação da pesquisa, o que evidencia o ecletismo e a multiplicidade desse artigo.

Esse é um traço que pode ser estendido, aliás, ao conjunto deste dossiê. Por isto, entendemos que sua publicação poderá contribuir para revitalizar as reflexões sobre a história oral e sua aproximação com os mais diversos temas, conjuntos teóricos e documentais, métodos e procedimentos. Às leitoras e leitores da revista *História Oral*, desejamos uma experiência de inquietude e boa interlocução!